

Mônica Peduto Pecoraro Rodrigues

Mandragora officinarum

**São Paulo
2008**

Mônica Peduto Pecoraro Rodrigues

Mandragora officinarum

Trabalho de Conclusão de Curso
Especialização em Homeopatia Para
Médicos
Instituto de Cultura e Ensino
Homeopático
Orientadora: Dra Barbara Susanne
Metzner

**São Paulo
2008**

Agradecimentos

À Deus, por ter a chance de viver e realizar sonhos.

Aos meus pais, pelo amor, carinho e dedicação sempre.

*Aos meus filhos Lucas, Leonardo, Victor e Raphael,
pela alegria de todas as horas após o cansaço da labuta.*

*À meu esposo, companheiro e amigo,
Domingos, pelo apoio incondicional.*

*À Dra Barbara, pelo acolhimento no
ambulatório, pela paciência e carinho com que corrigiu meus erros,
pela amizade que floresceu entre nós.*

*Aos amigos Francisco Carlos Ribeiro Pinto,
Flávio Nalli, Marcos C. Varejão, Ivanoir Tonini e Danilo Novelli.
Por ensinar-me a cada dia ser um pouco mais Homeopata.*

*À Dra Maria Aparecida Gonzales, que gentil e generosamente
compartilhou seus conhecimentos farmacológicos.*

Aos colegas e professores do IGFH que estiveram comigo neste ano de 2008.

*Aos colegas e professores da FEMHPR pelo estímulo
oferecido para que eu continuasse nesta jornada.*

Labão deu a Jacó sua filha Lia que era mais velha, no lugar de sua filha Raquel, por quem Jacó se apaixonara. Jacó amara Raquel mais do que a Lia, porém ambas eram inférteis. Após sete dias, Labão deu a Jacó também a sua filha Raquel, em troca de mais sete anos de serviço.

Como Lia era desprezada por Jacó, Javé sentiu pena e tornou-a fecunda. Lia deu à luz ao filho Rubens. Raquel, sentindo inveja da irmã desejou a maternidade. Um dia, durante a ceifa de trigo, Rubens saiu para o campo, encontrou mandrágoras, e as levou para a mãe. Raquel disse à Lia: "Dê-me algumas mandrágoras do seu filho". Lia respondeu: "Você acha pouco ter tirado meu marido? Agora quer também as mandrágoras de meu filho?"

Raquel deu à Lia uma noite com Jacó em troca das mandrágoras de Rubens. Naquela noite Lia dormiu com Jacó, deu a ele o sexto filho.

Então, Deus se lembrou de Raquel. Deus a ouviu e a tornou fecunda.

Jacó teve doze filhos. Todos assumidos como antepassados das doze tribos que formaram o povo de Israel. O nome de cada filho está ligado à rivalidade entre as mães, vista como drama no qual o próprio Deus toma parte. (Gênesis, 29 e 30:1-24).

(Fonte: Sociedade Bíblica Internacional, 1995).

RESUMO

Neste trabalho a autora aborda as qualidades de *Mandragora officinarum* a fim de despertar o interesse da Homeopatia para este medicamento pelo seu vasto potencial a ser explorado.

Mandragora officinarum é um medicamento homeopático de poucos sintomas conhecidos. Seu primeiro estudo foi descrito em “Species plantarum” em 1753. É um medicamento incluso na *Matéria Médica Pura* de Allen (1874). A patogenesia foi feita por Mezger, segundo Soares (2000).

As características e o histórico do emprego da planta são ressaltados, bem como a importância como medicamento homeopático e suas perspectivas para pesquisa.

Entre as dificuldades em estudar o medicamento estão: a escassa descrição dos sintomas da patogenesia e as diferentes formas de obtenção da tintura mãe utilizada na experimentação que dificultam a comparação entre os resultados obtidos por diferentes autores.

ABSTRACT

In this paper the author discusses the qualities of the *Mandragora officinarum* plant in order to attract the Homeopathy interests because of its vast potential to be exploited.

Mandragora officinarum is a homeopathic drug with few symptoms known. Its first study was described in "Species plantarum" in 1753. It is a drug included in the Pure Materia Medica of Allen (1874). The pathogenesis was written by Mezger, according Soares (2000).

Historical and medical aspects were put forward to show *Mandragora* like a homeopathic drug.

Among difficulties in studying this medicine are the different ways of methodology to obtain the tincture of plant used in the experiment which make it difficult to compare the results obtained by different authors.

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1 Flores de <i>Mandragora officinarum</i>	19
Ilustração 2 Características da planta <i>Mandragora officinarum</i>	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVO	11
3	METODOLOGIA	12
4	PARTE I: A HISTORIA DA <i>MANDRAGORA</i> NA HUMANIDADE	14
4.1	Classificação Botânica	18
4.2	O efeito tóxico de <i>Mandragora officinarum</i>	21
4.3	Considerações farmacológicas dos alcalóides da <i>Mandrágora</i> : alcalóides predominantes e atividade química.	22
4.4	Farmacotécnica homeopática	24
4.5	Matéria Médica de <i>Mandragora officinarum</i>	25
5	PARTEII: MATÉRIA MÉDICA COMPARADA	27
6	ESTUDO REPERTORIAL	37
7	DISCUSSÃO	43
8	CONCLUSÃO	47
	BIBLIOGRAFIA	48

1 INTRODUÇÃO

Mandragora officinarum é um medicamento homeopático de poucos sintomas conhecidos. Seu primeiro estudo foi descrito em “Species plantarum” em 1753. É um medicamento descrito na *Matéria Médica Pura* de Allen (1874). A patogenesia foi publicada em 1952, em “*Deutsche Homöopathische Monatsschrift*” no terceiro volume, por Mezger, segundo Soares (2000).

Quando nos deparamos com um medicamento de poucos sintomas descritos na patogenesia o chamamos de “medicamento pequeno”. Frequentemente, a maior parte dos sintomas descritos concentram-se na esfera dos sintomas locais. Por ser um medicamento menos utilizado é considerado de importância clínica menor.

A situação que se contrapõe a este raciocínio é a de que possivelmente um medicamento com poucos sintomas descritos deve ter sua patogenesia ainda incompleta, ou seja, necessita repetir a experimentação para que a sintomatologia seja amplamente conhecida e seu poder medicamentoso seja revelado de forma abrangente nas esferas dos sintomas mentais, gerais e locais.

Uma prova disso é o medicamento objeto deste estudo. É um contra-senso pensar em *Mandragora* como medicamento pequeno. Sua história na humanidade nos mostra várias facetas de sua ação farmacológica. Em muitos estudos toxicológicos foi chamada de “*Atropa mandragora*” pela semelhança sintomatológica com a *Belladonna* (CARTER, 2003).

Obviamente, se há semelhança entre a ação de ambos os medicamentos, é possível que sejam medicamentos complementares, mas, além disso, provavelmente há sintomas em *Mandragora* que ainda não foram bem estudados.

Toda a história da *Mandragora* desde a Antiguidade até por volta do século XVIII, quando seu uso declinou, nos mostra a possibilidade de que seu poder curativo esteja subjugado na parca sintomatologia descrita em sua patogenesia.

É importante salientar que a Homeopatia é uma ciência em construção. Atualmente os métodos de estudo de Matéria Médica vêm se multiplicando. Autores contemporâneos como Prafull Vijayakar (2004), Sankaran (citado por DIAS, 2008), Mangialavori (2008), vêm buscando ampliar o conhecimento de medicamentos cuja patogenesia apresenta poucos sintomas.

Cada qual com o seu método de abordagem do paciente, o objetivo final é muito definido: aprofundar o conhecimento sobre Matéria Médica porque ela é a ferramenta de trabalho do Homeopata. Assim, há aquele que trabalha a anamnese buscando as sensações, separando medicamentos em seus reinos, separando-os e juntando-os; há aquele que trabalha os eixos energéticos, medicamentos predominantemente calorentos ou friorentos, de ação rápida ou lenta; há o que olha para a natureza e identifica o habitat da matéria prima do medicamento; miasmas predominantes; crônicos e agudos; uso de vários repertórios, e assim por diante. Enfim, há gosto para todos os gostos. O resultado desta odisséia de métodos é realmente a ampliação dos horizontes homeopáticos sobre medicamentos que permanecem encobertos pela poeira da ignorância. É provável que em pouco tempo muitos sintomas desconhecidos sejam incluídos nas Matérias Médicas Clínicas atualizadas, ampliando as possibilidades de tratamento, bem como agregando medicamentos às rubricas dos repertórios e originando rubricas novas. Todo o trabalho destina-se a facilitar o encontro do *simillimum* para a cura do doente.

A importância dada à *Mandragora officinarum* neste trabalho é que, apesar de ser ainda pouco utilizada na prática clínica homeopática, há vários relatos na história da humanidade que fazem referência à planta e a seus efeitos tóxicos para o homem, desencadeando uma síndrome anticolinérgica. Soma-se a isto o fato da planta pertencer à família botânica das *Solanaceae*, cujos medicamentos são importantíssimos para a Homeopatia.

No parágrafo 110 do Organon, na sexta edição, Hahnemann relatou a importância de observar as plantas e seus efeitos tóxicos para o homem, pois os sintomas da intoxicação o guiavam para a descoberta de novos medicamentos e suas virtudes curativas.

Portanto, acreditando que o medicamento “oligossintomático” não é de pouca importância, mas encontra-se ainda com seus sintomas patogenésicos desconhecidos, *Mandragora* é um medicamento que merece uma atenção especial por parte dos homeopatas.

2 OBJETIVO

Este estudo dedica-se a levantar referências bibliográficas quanto ao uso da planta *Mandragora officinarum* pela medicina popular e científica desde os tempos mais remotos, compondo a “história do uso da mandrágora” bem como estudos farmacológicos e sua sintomatologia descritos nas matérias médicas que o contém, com a finalidade de:

- a)- ampliar os conhecimentos sobre sua Matéria Médica e divulgá-la;
- b)- ampliar o conhecimento sobre o medicamento enquanto componente do grupo de medicamentos da família *Solanaceae*;
- c)- comparar sucintamente o medicamento com outros medicamentos possivelmente semelhantes, a fim de facilitar o diagnóstico diferencial entre eles e ampliar as possibilidades de escolha para os sintomas semelhantes;
- d)- despertar a curiosidade de outros homeopatas para este medicamento, possibilitando novas experimentações.

3 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão bibliográfica sobre o medicamento *Mandragora officinarum*, chamado *Mandragora*, em relação à sua classificação botânica, sua história na humanidade, mitos, uso medicinal, toxicologia, uso na Homeopatia e comparação com alguns medicamentos com sintomas coincidentes.

Para tornar-se didático, o trabalho foi dividido em duas partes, parte I e parte II.

Parte I

É um estudo descritivo em relação à história da *Mandragora* na humanidade, tendo os dados sido retirados de trabalhos científicos encontrados no *site* da biblioteca BIREME (www.bireme.br) e seus *links*.

O estudo segue com o levantamento de casos de intoxicação publicados em revistas científicas e estudo farmacológico da síndrome anticolinérgica e alcalóides da família da atropina.

O estudo da Matéria Médica Pura é subdividido em duas partes:

(I.a) Matéria Médica Pura, de Allen (1874);

(I.b) O estudo experimental de Metzger e Whitmont (Colin, 1999).

Parte II

Estudo comparativo de *Mandragora* com outros medicamentos homeopáticos.

Esta segunda parte também tem descrição dos sintomas das Matérias Médicas retiradas de fontes consagradas como os autores Allen, Clarke, Vanier, Boerick, Vijnovsky, e é subdividida em duas partes:

II.a) Comparação da matéria médica de *Mandragora officinarum* com as matérias médicas de *Hyosciamus niger* e *Belladonna*, que pertencem à mesma família botânica *Solanaceae*, pois nestas plantas encontram-se praticamente os mesmos alcalóides, hyosciamina, escopolamina e atropina, porém com diferentes teores entre si, o que, segundo sugere Leeser (1962), apontariam para sintomatologia e mecanismos de ação muito semelhantes, porém não iguais.

II.b) O estudo compara sintomatologia entre as matérias médicas dos medicamentos *Cimicifuga racemosa* (*Actea racemosa*), *Clematis erecta*, *Ranunculus bulbosus*, *Staphysagria* e *Mandragora officinarum*, conforme sugerido por Ross (1975), tomando como texto base a Matéria Médica Clínica de Vijnovsky.

4 PARTE I: A HISTORIA DA *MANDRAGORA* NA HUMANIDADE

Mandraque ou Mandrágora, como é popularmente conhecida a *Mandragora officinarum*, é originária da Península Itálica, região mediterrânea (CARTER, 2003; PICCILLO et al, 2006). Seu uso pelo homem remonta a Antiguidade e envolve uma série de crenças e mitos.

Na história da formação do povo de Israel, Livro do Gênesis (30:17), a planta é citada, conferindo à Raquel, infértil, a possibilidade de dar um filho a Jacó. Suas raízes têm a forma de um corpo humanóide, sem a cabeça. Graças a este aspecto, e pela crença na Doutrina das Assinaturas, foi associada com a fertilidade e utilizada popularmente como afrodisíaca (PURKIS, 2003).

No século XVII a *Mandragora* passou a ser muito procurada na Europa. Alguns a utilizavam para aumentar seu poder de atração, ou popularidade, ou simpatia, ou poder de controle sobre os outros, ou beleza. Utilizar a *Mandragora* como adorno era sinônimo de poder, uma moda.

Porém, para obtê-la era necessário pagar preços altos, pois era extraída na Sicília e vendida para toda Europa. Naquela época, para proteger a planta de roubos, que eram cada vez mais freqüentes, surgiu um boato que se transformou em lenda: de que um espírito maligno morava em suas raízes e que ao retirá-la do solo emitia um som estridente e fatal. Quem escutasse o grito da *Mandragora* morreria.

Durante a Idade Média, no Ocidente, a ciência, magia e feitiçaria se misturavam, atribuindo a algumas plantas poderes “diabólicos”. A *Mandragora* era vista como uma planta do mal pelas associações com suas propriedades, mas

despertava o interesse dos cientistas pelo seu potencial medicinal a ser desvendado.

Uma das primeiras referências toxicológicas foi retirada de antigos escritos romanos, onde foi citada a extração de uma substância da raiz da *Mandragora* com o vinagre. Este componente era usado para embeber panos que eram colocados na ponta das lanças, levadas para a inalação dos condenados à crucificação para diminuir a dor e promover sedação. Este procedimento possivelmente foi realizado na crucificação de Jesus Cristo (LUENGO, 2005).

No início do Império Otomano, Serafeddin Sabuncuoglu descreveu a técnica de uso da *Mandragora* para obter torpor e analgesia para realização de cirurgia. Ele utilizava uma combinação de óleo de amêndoa e raiz de *Mandragora* (Luffah), oferecia um dracma (quatro gramas) da mistura administrada via oral antes da refeição, e momentos após, observava o paciente em sono profundo, o que permitia o tratamento (BASAGAOGLU, 2006).

Ainda não havia descrições farmacológicas a respeito do mecanismo de ação das substâncias ativas na planta, nem mesmo conhecimento aprofundado da fisiologia humana que pudesse explicar os seus efeitos sobre o organismo. As doses e formas de administração utilizadas eram determinadas de forma empírica.

Em 1527 na edição latina do tradicional livro “Canon of Medicine” escrito por Avicena (980 a 1037), conforme citado por Aziz et al (2000), há um antigo relato das propriedades medicinais da mandrágora como anestésico.

Na necessidade de amputação de órgãos, a planta deveria ser administrada por via oral, por infusão das folhas, que em doses altas servia para induzir o sono. Outro efeito seria narcose quando ingerida em menor dose ou inserida no ânus, ou

mesmo por inalação. Era utilizada também para o tratamento da insônia e seu efeito era revertido sentando o paciente em banho gelado; em cauterizações e incisões, pois as sensações dolorosas após o procedimento eram atenuadas pelo efeito analgésico.

Era também utilizada como colírio para dor em olhos. Uma onça do xarope para induzir o vômito ou a expectoração, mais do que isso poderia matar.

Usada para produzir a diurese e acelerar o parto, atuando no período de expulsão fetal, diminuindo a hemorragia uterina.

Para afinar o catarro e causar diarreia. Doses excessivas causavam contrações uterinas, rubor facial, demência com olhos edemaciados (protuberantes), semelhante ao efeito da intoxicação por bebidas alcoólicas.

Tratava-se a dose tóxica com vômitos, gordura e mel (AZIZ et al, 2000).

Atualmente a ação da *Mandragora* está relacionada com os alcalóides presentes em suas raízes em maior concentração e em suas folhas, cujos efeitos tóxicos caracterizam a síndrome anticolinérgica. Vários casos são citados na literatura em que a *Mandragora* causou intoxicação por ter sido tomada por *Borago officinalis*, que possui folhas bem semelhantes (PICCILLO et al, 2006, FRASCA et al, 1997).

A *Mandragora officinarum* também é confundida com Bryonia branca (*Bryonia dioica*) encontrada no sudeste da Europa, cujas raízes lembram as raízes da *Mandragora*. Outra planta que causa confusão é a chamada “mandrágora americana”, o *Podophyllum peltatum*, planta de origem asiática e norte americana, que possui podofilotoxina em seu rizoma e tem efeitos severos purgativos, utilizada na cultura Himalaia para tratar parasitas intestinais e constipação. Por ser

identificada como mandrágora, é encontrada na literatura médica *P. peltatum* como tendo efeito anticolinérgico, por conter alcalóides da *Belladonna*, o que não é verdadeiro.

Devido aos efeitos tóxicos e aos erros de classificação das plantas ora utilizadas como alimentos, ora como medicamentos a FDA (Food and Drug Administration) está estendendo a lista de produtos regulamentados para diminuir a frequência de intoxicações pelo uso equivocado destas plantas (FRASCA et al, 2007).

Embora tenha sido uma das plantas mais conhecidas na história da humanidade, é interessante notar que foi muito pouco estudada quanto aos seus componentes tóxicos e teores de óleos essenciais. Há pouca literatura farmacológica disponível nesse sentido. Provavelmente porque seu uso declinou a partir do século XVII, quando a história da ciência apresentou, em contrapartida, uma grande evolução.

Um estudo de revisão recente realizado por Hanus et al, publicado em 2005, revelou que apesar dos mitos, não há substâncias químicas na tintura que confirmem o efeito afrodisíaco da mandrágora.

4.1 Classificação Botânica

A mandrágora, cujo nome científico atual é *Mandragora officinarum* L., também chamada de *Mandragora officinalis* Mill., *Atropa mandragora* L. é da família das *Solanaceae*.

Nesta família os vegetais compreendem ervas, arbustos e poucas árvores. Podem ter espinhos ou não. As folhas são alternantes, simples, às vezes muito grandes. Têm espículas. Frequentemente as ramificações ficam fora das axilas das folhas, fenômeno chamado de “ramificação extra axilar”.

As flores são hermafroditas, actinomorfas ou levemente oblíquo-zigomorfas. Originariamente são pentâmeras em todos os verticilos. Reduzem o número de membros no gineceu e no androceu. As flores são grandes e coloridas, ou terminais reunidas em dicásios. Existem cerca de 2300 espécies para o gênero *Mandragora* sp de larga distribuição, desde zonas temperadas até a tropical (SCHULTZ, 1985).

Ilustração 1 Flores de *Mandragora officinarum*.



Fonte: www.rcplondon.ac.uk, acessado em 18/02/2009.

Ilustração 2 Características da planta *Mandragora officinarum*.



Fonte: www.nikisimpson.co.uk/original/18_mandragora.jpg acessado em 18/02/2009

A *Mandragora* é uma planta herbácea, de caule de formato bizarro, com folhas rosuladas, ovais, margem ondulada e raiz carnosa, pivotante, frequentemente bifurcada, que se assemelha ao falo humano. As flores são campanuladas, de cor púrpura, dispostas em cachos (dicásio); fruto baga globosa ou oblonga (conhecido popularmente por “maçã do amor”, Zohary, 1982, citado por Hanus et al, 2005), originária da Grécia e Europa oriental. É considerada uma planta tóxica, de ação semelhante à beladona (CORRÊA, 1974).

4.2 O efeito tóxico de *Mandragora officinarum*

Segundo o Dr. Samuel Hahnemann, na sexta edição do “Organon da arte de curar”, parágrafo 110, as substâncias que haviam sido consideradas irritativas, tóxicas ou prejudiciais por outros autores anteriores a ele, foram por ele próprio experimentadas produzindo sintomatologia muito semelhante. Daí estas observações sobre o caráter tóxico e nocivo das substâncias conterem seguros indícios do poder destas drogas extinguindo males semelhantes.

Assim, considerada a importância da descrição dos casos de intoxicação, neste levantamento Frasca et al (1997) descreveram um caso de intoxicação por ingestão de dez unidades do fruto por um paciente do sexo feminino que em uma hora evoluiu com rubor facial intenso, miose, taquicardia e confusão mental, seguida de depressão do nível de consciência. São sintomas descritos como síndrome anticolinérgica, que inclui delírio e alucinação.

No ano de 2000, no *Journal of Allergy Clinical and Immunology* foi publicado um caso de choque anafilático por uso subcutâneo de *Mandragora officinarum*, na potência D3. A paciente, sexo feminino, 32 anos, com uma dor irritante no ombro, recebeu por duas semanas injeções subcutâneas de *Mandragora* D6, 0,3 ml, e sucessivamente na potência D3, muitas injeções subcutâneas sucessivas de 2ml. Após cinco minutos, apresentou formigamento em escalpo e mãos, náusea, inchaço nos lábios e em torno dos olhos, dispnéia, seguida de cólicas e paralisia abdominal (HELBLING et al, 2000).

4.3 Considerações farmacológicas dos alcalóides da *Mandrágora*: alcalóides predominantes e atividade química.

Segundo Leeser (1962) que defende a atuação homeopática do medicamento (sua patogenesia) relacionada à concentração de alcalóides, nos medicamentos da família das *Solanaceae*, a *Mandragora* contém predominantemente atropina (quimicamente chamada por dl-hiosciamina) e escopolamina (chamada hioscina), que são alcalóides do mesmo grupo químico, semelhantes aos alcalóides retirados de plantas da espécie *Atropa belladonna*.

Estas substâncias são classificadas como antagonistas dos receptores muscarínicos (GOODMAN E& GILMAN, 1996). Porém agem de modo inespecífico nestes receptores, que estão distribuídos de forma heterogênea no corpo humano. Os antagonistas dos receptores muscarínicos evitam os efeitos da acetilcolina bloqueando sua atuação nos receptores colinérgicos muscarínicos dos locais neuroefetores da musculatura lisa, músculo cardíaco e células glandulares; dos gânglios periféricos; e do sistema central. Atuam pouco como bloqueadores dos efeitos da acetilcolina nos receptores nicotínicos.

No sistema nervoso central a transmissão parece ser predominantemente nicotínica na medula vertebral, e nicotínica e muscarínica nas áreas corticais e subcorticais do cérebro.

Na junção neuromuscular, onde predominam receptores nicotínicos, há necessidade de doses muito altas de alcalóides do grupo da atropina para haver algum bloqueio neuromuscular. No entanto componentes análogos dos compostos de amônio quaternário de atropina produzem bloqueio mais intenso dos receptores

nicotínicos. (Ou seja, nem todos os alcalóides de atropina agem exatamente da mesma forma, o que confere especificidades para cada espécie produtora de seu alcalóide).

A atuação nas junções neuroefetoras parassimpáticas dos diferentes órgãos também possuem sensibilidades diferentes aos antagonistas de receptores muscarínicos, tendo ação dose dependente. Portanto, podem deprimir a secreção salivar, brônquica e a transpiração, em doses pequenas; em doses maiores as pupilas dilatam, a acomodação do cristalino para a visão de perto é inibida e os efeitos vagais sobre o coração são bloqueados, de forma que a frequência cardíaca aumenta. Doses ainda maiores inibem o controle parassimpático visceral, inibindo a micção e reduzindo o tono e a motilidade intestinal. Doses maiores inibem a secreção e a motilidade gástrica.

Todas estas manifestações sintomáticas descrevem a síndrome anticolinérgica.

Os alcalóides do grupo da atropina não têm seletividade de ação nos subtipos de receptores do grupo muscarínico, portanto, a diferente atuação nos órgãos provavelmente depende da regulação parassimpática de cada órgão.

4.4 Farmacotécnica homeopática

No Brasil, a tintura mãe de *Mandragora officinarum* é preparada com a raiz inteira (*Radix siccata*), seguindo o preconizado por Dr. Willmar Schwabe (1892). Segundo a Farmacopéia Homeopática Brasileira (1997), em 62 a 68% de teor alcoólico, o resíduo seco é obtido com sistema de secagem em infravermelho, o cálculo do teor de álcool sendo realizado com alcoolômetro, com a extração do álcool por destilação.

4.5 Matéria Médica de *Mandragora officinarum*

a) A patogenesia descrita por Allen (1874).

Esta patogenesia está integralmente disponível na Enciclopédia de Matéria Médica Pura de Allen (tradução pela autora).

No preparo da tintura foi utilizada a planta toda sem as raízes.

Na descrição de Dufresne (1834), foram realizadas inalações repetidas da tintura descrita, que a caracterizou por odor “de carne fresca de réptil, nauseante”.

CABEÇA

Peso e confusão na cabeça.

Sensação de congestão nos vasos do cérebro.

OLHOS

Mandragora causa dilatação de pupilas.

Uma visão peculiarmente ampliada e confusa.

ORELHA

Sons exagerados

NARIZ

Coriza.

BOCA

A tintura amortece a língua quando uma pequena parte é depositada nela.

Um sabor singular, sensação de acidez e ressecamento, que perdura por vários dias.

FEZES

Intestino inativo, com fezes brancas e difíceis, quando o intestino induz o ato.

RESPIRATÓRIO

Rouquidão.

Leve tosse com expectoração.

Respiração Difícil.

SINTOMAS GERAIS

Uma curiosa excitabilidade (inquietação/ impaciência) leva à histeria, provavelmente podemos dizer essencialmente histérica.

Após remover outros sintomas, há uma intranqüilidade demorada.

Exaustão física.

Todos os sintomas desconfortáveis vão embora de noite na cama, sendo sucedidos por leve transpiração.

Todas as irregularidades da dieta como uso de vinho, café e cigarros provocam o desaparecimento de sintomas em três dias, com dieta cuidadosa os sintomas perduraram por oito dias e foram removidos com *Nux vomica*, *Belladonna* seguidas por cânfora.

SONO

Deseja dormir

FEBRE

Demorada sensação de frio e inquietação após remover outros sintomas, calafrios à noite.

b) O estudo experimental de Metzger e Whitmont.

A experimentação foi realizada por Metzger e Whitmont, citados por Colin (1999) sendo os sintomas descritos: vertigens que agravam pelo movimento, ao acordar, melhorando ao ar livre; cefaléia que melhora por aplicação fria e agravam por tocar; todos os objetos aparentam estar riscados (riscos, raiados); dores cardíacas como se um anel lhe apertasse, palpitações; dores gástricas que melhoram ao se inclinar para trás (*en se penchant arriere*), dores em hipocôndrio irradiadas para direita; hemorróidas brilhantes; dores nos membros como se houvesse feito exercícios intensos, ou como por gripe; lombalgia e ciatalgia, dores ardentes (*brulantes*), piores do lado direito, agravam ao iniciar movimento e melhoram com movimento contínuo; melhoram pelo calor, ao se inclinar para trás, agrava em decúbito lateral direito ou em deixar pender as pernas; artrite deformante; má cicatrização, herpes, furúnculos.

5 PARTEII: MATÉRIA MÉDICA COMPARADA

II. 1. a) *Mandragora, Belladana e Hyosciamus niger*.

Segundo considera Leeser, 1962, as semelhanças sintomáticas entre patogenesias das plantas *Mandragora, Belladonna e Hyosciamus niger* (o autor não se refere a *Stramonium*) todas pertencentes à família das *Solanaceae*, decorrem da presença de alcalóides do grupo da atropina, que estão presentes em diferentes concentrações em cada uma delas.

Hanus et al (2005), mostraram resultados de vários pesquisadores em relação aos teores de alcalóides contidos nos gêneros de *Mandragora* através de métodos de cromatografia e preparado cristalino de picrato. Como resultado concluíram que a *Mandragora officinarum* L. contém escopolamina, cuscohygrina, escopina, hyoscianina, apoatropina e belladonnina, além de norhyoscianina. Isômeros destes componentes são isolados em concentrações diferentes em partes das plantas dos gêneros de *Atropa, Datura, Hyosciamus, Scopolia*, e estão presentes em raízes, caule, folhas e frutos de *Mandragora officinarum* L.

Conforme já exposto neste trabalho, estes alcalóides atropínicos atuam bloqueando os receptores muscarínicos colinérgicos que antagonizam a atuação do

sistema parassimpático, o que confere a maioria dos sintomas presentes nas matérias médicas.

A tabela (01), páginas 20 a 23, tem a finalidade de agrupar os sintomas semelhantes e as modalidades específicas para cada um destes medicamentos.

Tabela (01) Comparação entre *Belladonna*, *Hyosciamus* e *Mandragora*.

Sintoma	<i>Belladonna</i>	<i>Hyosciamus</i>	<i>Mandragora</i>
MENTAL Ilusão/delírio	Delírio violento, raivoso, maníaco, com alucinações visuais. Vê animais horríveis, fantasmas, visões horríveis. Delírio ativo, todas as mudanças são bruscas (1, 3).	Delírio murmurante, mais para o estupor (passivo), resmungante. Provocado por dor, humilhação, contrariedade e ciúme (1,2,3).	Excitabilidade inquieta (Allen: beira à histeria) (1).
Afeto		Muito ciumento, mata por ciúme, quer fugir, crê que está sendo perseguido (1).	
Medo	Tem medo de cachorro, de coisas imaginárias, da morte iminente. Com sobressaltos, tremores (1). Horror a solidão, fantasmas e ladrões (3).	Hidrofobia (1,2). Medo de estar só.	
Sono\sonho	Muita atividade durante o sono: chuta, grita, delira, luta, canta, chora (1). Sonhos atemorizantes; de brigas; fogo; ladrões; assassinos; caindo; de nadar; perigo de fogo (3).		
Desejo	Não inclinado a falar, ele deseja solidão e estar quieto; todo o barulho e visitas dos outros são desagradáveis para ele (3).	Quer estar nu. Desejo intenso de companhia.	
Emocional	Irritável ao acordar pela manhã (1).	Agressividade violenta, marcada, desejo de matar, golpear, quebrar (1,2). Ansiedade a noite, culpa, remorso (1,2).	Tendência à depressão. Mudança brusca de depressão para a euforia (1).
Aspecto cognitivo			Falta de interesse pelo trabalho, fadiga intelectual, ausência de concentração (1,2).

Sintoma	<i>Belladonna</i>	<i>Hyoscyamus</i>	<i>Mandragora</i>
SENTIDOS			
Visão	Micriase durante a febre com sensibilidade pela luz. Hipersensibilidade à luz.	Micriase com arreflexia pupilar. Visão turva, diplopia, objetos parecem maiores do que realmente são.	Micriase vê objetos aumentados, conjuntivite, sensação de corpo estranho no olho.
Audição/órgão vestibular	Vertigem de manhã ao levantar da cama, virar-se ou agachar. Hipersensibilidade aos ruídos.	Vertigem como intoxicado com escurecimento da visão.	Exagero dos sons, zumbidos e estalos no ouvido. Hipersensibilidade aos ruídos.
Tato	Hipersensibilidade a dor.		
Olfato	Hipersensibilidade a odores fortes.		
GERAL			
Estado de ânimo			
Térmico	Calafrios ao anoitecer, começam nos braços após comer, melhoram por calor externo.	Grande prostração.	Demorada inquietação e indiferença, após remover outros sintomas (2); exaustão corporal (2). Fraqueza, frio, mal estar.
Sede		Sede violenta, mas não consegue engolir.	
Febre	Indicada em processos agudos de início brusco, violento, inflamatórios, com calor, rubor, ardor, pulsação. Febre alta com calafrios que alternam suores, com delírio furioso, inflamatória, exantemática. Escarlatina.	Febre tifóide, sensório obnubilado, olhar fixo, carfologia.	Febre com calafrios à tarde, não tolerando calor, suores pelo menor esforço.
Transpiração		Suor debilitante, azedo, dormindo.	
Desejos alimentares	Desejo de limonada.		
Agravação/Melhoria	Piora por conversação. Piora por esforço mental (1,3)	Piora à noite, por frio, por ser tocado, por calor, de dia, pelo movimento.	Piora das 3 às 5h da manhã. Pelo movimento, por esforços, pelo sofrimento, em aposentos fechados.

Sintoma	<i>Belladonna</i>	<i>Hyosciamus</i>	<i>Mandragora</i>
LOCAL			
Cabeça	Congestão cefálica com rosto vermelho, durante convulsões, durante constipação. Cabeça quente com extremidades frias. Cefaléia frontal, pulsátil, que melhora apoiando a cabeça contra uma superfície, deitando, em aposento escuro, piorando com movimento, com tosse, ao ar livre. Boca quente e seca, língua com papilas salientes, inflamada, sem sede. (1,3)	Congestão cerebral. Comoção cerebral. Cefaléia frontal, depois de comer, com sensação de cérebro mole. (1) Olhos vermelhos, fixos, convulsionados, proeminentes, movimentos espasmódicos. Boca seca, espuma bucal, hálito fétido. Língua seca como couro, marrom ou negra (1).	Peso na cabeça, plenitude dos vasos, congestão cefálica. (2) Cefaléia com sensação de inchaço que, piora pelo movimento e por esforço, pelo sol, melhora pelo frio e por pressão. Boca seca, gosto ácido, sialorréia. Coriza com catarro. (2) Língua adormecida, ardida como por pimenta, branca ou amarelada. (2)
Sist.nervoso	Convulsões em crianças com febre alta, na dentição, por excitação, por ver ponto brilhante, por vexame ou ver água; precedidas por aura como se um rato corresse por sua pele; começam no braço direito, com queda às vezes para trás. Inflamação aguda da garganta à direita. (1,3)	Convulsões em crianças, por susto ou verminose, vômitos após comer, cada músculo de seu corpo tem sacudidas dos olhos aos pés. (1,3)	
Fala/voz	Afonia com tosse espasmódica à noite, como um latido. (3)	Loquacidade. Fala de negócios, muda de temas, diz coisas ridículas, vivaz, fala em voz alta. (1,3)	
Pescoço/garganta	Tosse laringea, estridulosa (1,3).	Tosse seca, afonia histérica piora à noite. Garganta seca com úvula alargada, constrição na garganta convulsiva, com dificuldade para engolir líquidos. (1,3)	
Tórax (cardiovascular/ respiratório)		Catarro com acúmulo de muco na laringe e traquéia. (1)	

<u>Sintoma</u>	<u><i>Belladonna</i></u>	<u><i>Hyocianus</i></u>	<u><i>Mandragora</i></u>
Abdome (fígado) (estômago)		Soluço depois de comer ou à noite. (3) Vazio gástrico antes de ataque epilético. (1)	Dores hepáticas. (2) Peso e inchaço gástrico após comer. Gastralgias ao jejum que melhoram por espreguiçar para trás. (2)
(intestino)			Meteorismo, constipação com fezes brancas, fezes em cíbalas ou moles, diarreia explosiva, odor podre, com cólicas e puxões, mais pela noite. (1,2)
(trato urinário)	Micções freqüentes, à noite, disúria, gotejo e retenção de urina. (1,3) Enurese causada por dificuldade de acordar na criança, cistite. (1,3)	Paralisia da bexiga depois do parto com retenção ou incontinência urinária. Emissão involuntária de urina. Oligúria. (1,3)	Enurese noturna. (1)
Extremidades			Dor no ombro direito, câibra dos escritores, ciatalgia à direita. (1) Mão amortecida: branca e fria. (1,2)

1) Fonte: Vjiovsky, B. Tratado de Materia Médica Homeopática, 2003.

2) Fonte: Allen, T. F. The encyclopedia of pure materia medica. 12vol.New Delhi. B Jain Publish, 1992, reedição de Boericke & Tafel, Philadelphia.

3) Fonte: GEHSH. HomeoPro. Versão 9.3. Repertório eletrônico. 2004.

II. 1. b) *Mandragora*, *Cimicifuga racemosa*, *Ranunculos bulbosus*, *Staphysagria*, *Clematis erecta*.

Segundo Ross (1966) que estudou os grupamentos de Boyd, os medicamentos do grupo 5 poderiam incluir também a *Mandragora* pela estreita semelhança de sintomas com os medicamentos *Cimicifuga racemosa*, *Clematis erecta*, *Ranunculus bulbosus* e *Staphysagria*. A semelhança está principalmente nos sintomas mentais, de trato genito-urinário, oculares e dermatológicos.

A tabela (02), páginas 25, 26 e 27, tem a finalidade de agrupar sintomatologia semelhante destacando as modalidades que individualizam cada um destes medicamentos.

Tabela (02). Comparação entre os medicamentos *Mandragora officinarum*, *Cimicifuga racemosa*, *Ranunculus bulbosus*, *Staphysagria*, *Clematis erecta* para sintomas mentais, do trato genito-urinário, ocular e dermatológico.

SINTOMA	<i>Mandragora officinarum</i>	<i>Cimicifuga racemosa</i>	<i>Ranunculus bulbosus</i>	<i>Staphysagria</i>	<i>Clematis erecta</i>
MENTAL E CABEÇA	Tendência à depressão com apatia ou irritação, pode mudar bruscamente para euforia com animada alegria (5). Congestão cefálica passiva com dificuldade de concentração; sensação de calor e plenitude na cabeça (7). Sonolência (7).	Sensação como uma nuvem espessa, pesada e negra estivesse sobre ela, envolvendo sua cabeça (1,5,7); pensa que (e tem medo de) ficar louca (1,2,3,5,7); medrosa, suspirosa, triste (2,3), caráter histérico dos sintomas (1,2,4); ilusão de que um rato corre debaixo de sua cadeira (1,5); delírio com midríase (5). Mania puerperal (1,5), irregularidade de sintomas mentais que aparecem com o ciclo menstrual (1). Alternam também com sintomas reumáticos e nevralgias (5).	Inquiêto e pusilânime, pior ao anoitecer, medo de fantasmas. Delírios com tremores, loquacidade (é um dos medicamentos mais efetivos para eliminar maus efeitos das bebidas alcoólicas, tanto agudos quanto crônicos, quando há irritabilidade, delírio, tremores, cefaléias e intenso soluço espasmódico, com transtornos hepáticos e ascite). Dificuldade para pensar e compreender. Obtuso. Pensamentos desaparecem ao refletir (5).	Excitabilidade, irritabilidade, rapidamente se encoleriza. Facilmente se irrita, mas não se manifesta (1,2,3,4,5,6,7), fica pálido, sofre cólicas, febre, insônia, suores. Tristeza reprimida (5). Chora e ri, com medo de morrer. Preocupação por antecipação, por morte de entes queridos, indignação por amor não correspondido, por ser tratado rudemente, por ser desprezado (5).	Tristeza, ansiedade, indiferença (2). Medo de tomar banho. Quer ter alguém com ele, com aversão à companhia (5). Dores ardentes e cortantes na pele do crânio, ao nível da fronte. Erupção úmida, pustulosa, dolorosa, pruriginosa, na borda do couro cabeludo e fronte. Cefaléias com dores agudas nas têmporas, sensação de confusão e aturdimento (2).

SINTOMA	<i>Mandragora officinarum</i>	<i>Cimicifuga racemosa</i>	<i>Ranunculus bulbosus</i>	<i>Staphysagria</i>	<i>Clematis erecta</i>
GENITO-URINÁRIO	Micções frequentes ou difíceis, de gota em gota, enurese noturna (5).	Irregularidade menstrual, leucorréia, dores espasmódicas uterinas, (1, 2, 3, 4, 5, 7), indo de um ovário a outro (7). Urina frequente, pressão na região renal e cóccix (5). Sensação de <i>bearing down</i> (3,7).	Nada digno de nota.	Desejo de urinar frequente, intenso e constante, bexiga irritável em recém casadas, com disúria que piora depois do coito. Sensação como se uma gota corresse constantemente pela uretra. Ardor na uretra melhorando ao urinar. Micções involuntárias (1,2,3,4,5,6,7).	Desejo frequente de urinar, micção gota a gota, sensação de estreitamento do ureter; urina muitas vezes com interrupção brusca do jato. Perde urina após micção (2,5). Ardor na uretra antes, durante e depois de urinar, as últimas com ardor intenso; sente micção incompleta (5). Cordões espermáticos engrossados, orquite à direita (5).
OCULAR	Midríase (5,7). Vê objetos aumentados. Conjuntivite. Sensação de corpo estranho ou de volume no globo ocular (5).	Dores oculares com hipersensibilidade à luz (7) Midríase (5), dores muito agudas nos olhos, piora à noite pelo mínimo movimento, nevralgia ciliar (5).	Fotofobia (2). Erupções herpéticas (2,5) com bolhas pequenas, azuis escuras, transparentes, do tamanho da cabeça de alfinete, agrupadas em placas ovais, prurido ardente intolerável (5).	Midríase. Inflamação das pálpebras, no canto interno. Terçoís na pálpebra superior esquerda. Tumores tarsais ou nódulos nas pálpebras. Tumor nas glândulas de Meibomius. Ardor nos olhos, fadiga (5).	Sensibilidade ao ar, não ousando abrir os olhos. Sensação de prurido nos olhos ao fechá-los. Inflamação no ângulo interno dos olhos, conjuntivite pustulosa (2). Fotofobia (5) glândulas de Meibomius inchadas (2,5).

SINTOMIA	<i>Mandragora officinarum</i>	<i>Cimicifuga racemosa</i>	<i>Ranunculus bulbosus</i>	<i>Staphysagria</i>	<i>Clematis erecta</i>
DERMATO-LÓGICO	Suores fétidos (7). Anestesia ou hiperestesia cutânea, perturbações locais da sensibilidade cutânea, dores ardentes (7).	Nada digno de nota.	Irritação cutânea, tendência a úlceras. Erupção ou surto de vesículas ou herpes com dores picantes, queimantes ou pruriginosas, que agravam com frio (2,7).	Eczema com crostas espessas e secas, ou úmidas (4,5,7). Secreção amarela e irritante em baixo da crosta. O contato forma novas vesículas na cabeça, orelhas, face, pálpebras no corpo todo (5).	Erupção vesicular. Dermatoses escamosas com secreção de pus amarelado corrosivo; prurido intenso que agrava com água fria, em mãos, pés, couro cabeludo, região occipital (2,5).
OUTROS SINTOMAS TÍPICOS	Nada digno de nota.	Sintomas que agravam com o período menstrual. Tudo piora no período menstrual, melhora após.	Dor torácica nevralgica, como golpeado, sensação de machucado, piora ao toque, por mudança de tempo, ao se virar na cama à noite; é o remédio do Herpes zoster torácico (4,5,7).	Tendência a masturbação e excessos sexuais. Principal medicamento das feridas cortantes, quando o pós-operatório tem ferida muito dolorosa com cicatrização difícil (5)	Ação principal nas mucosas, principalmente na genito-urinária. Ação em gânglios linfáticos, que ficam infiltrados e endurecidos (2).

Fontes:

- 1) Allen, H. C. Sintomas-chave da Matéria Médica Homeopática, 2000.
- 2) Lathoud, J. A. Estudos de Matéria Médica Homeopática, 2004.
- 3) Metzner, B. S. Sintomas Característicos da Matéria Médica Homeopática, 2006.
- 4) Nash, E. B. Indicações Características de Terapêutica Homeopática, 1979.
- 5) Vjnovsky, B. Tratado de Matéria Médica Homeopática, 2003.
- 6) Vithoulkas, G. Essência da Matéria Médica, 2005.
- 7) Voisin, H. Manual de Matéria Médica para o Clínico Homeopata, 1987.

6 ESTUDO REPERTORIAL

Estão relatadas rubricas relacionadas ao medicamento Mandragora tendo como fonte o Repertório Eletrônico do Grupo de Estudos Homeopáticos Samuel Hahnemann, versão eletrônica de 2003, originalmente em inglês (entre parênteses, tradução pela autora), compondo sintomas mentais, gerais e locais:

1. MIND – ANXIETY (MENTE – ANSIEDADE)
2. MIND - CONCENTRATION - difficult (MENTE – CONCENTRAÇÃO – difícil)
3. MIND - CONFUSION of mind (MENTE – CONFUSÃO mental)
4. MIND - DELIRIUM (MENTE – DELÍRIO)
5. MIND - DELUSIONS - possessed, being (MENTE – ILUSÃO – de estar possuído)
6. MIND - DISCONTENTED (MENTE – DESCONTENTE, INSATISFEITO)
7. MIND - DISCOURAGED (MENTE – DESANIMADO)
8. MIND - EMBRACES - everyone (MENTE – ABRAÇA- todo mundo)
9. MIND - EUPHORIA - alternating with - sadness (MENTE – EUFORIA – alternando com tristeza)
10. MIND – EXCITEMENT- excitable (MENTE – EXCITABILIDADE, EXCITÁVEL)
11. MIND - EXHILARATION (MENTE – alegria, liberdade, jovialidade)
12. MIND - HYSTERIA (MENTE – HISTERIA)
13. MIND - INDIFFERENCE, apathy (MENTE – INDIFERENÇA, apatia)
14. MIND - INDUSTRIOUS, mania for work (MENTE – INDUSTRIOSO, mania de trabalho)
15. MIND - INSANITY, madness (MENTE – INSANIDADE, loucura, raiva, furor, tolice)
16. MIND - IRRESOLUTION, indecision (MENTE – IRRESOLUÇÃO, indecisão)
17. MIND - IRRITABILITY (MENTE – IRRITABILIDADE)
18. MIND - KISSES - everyone (MENTE – BEIJA – todo mundo)
19. MIND - MANIA (MENTE – MANIA)
20. MIND - MEMORY - weakness of memory (MENTE – MEMÓRIA – debilitada, fraca)
21. MIND - MOOD - alternating (MENTE – HUMOR – alternante)
22. MIND - PROSTRATION of mind (= mental exhaustion, brain fag) (MENTE – PROSTRAÇÃO da mente, exaustão)
23. MIND - RESTLESSNESS (MENTE – desassossegada, inquieta, agitada)
24. MIND - SADNESS (= despondency, depressed, depression, gloom, melancholy) (MENTE – TRISTEZA - Depressivo, melancolia)

25. MIND - SADNESS - urination - followed by frequent urination; sadness (MENTE – TRISTEZA – urina frequente – seguida por micção; tristeza)
26. MIND - SENSITIVE (= oversensitive) (MENTE – SENSÍVEL, hipersensibilidade)
27. MIND - SENSITIVE - noise, to (MENTE – SENSÍVEL – a barulho)
28. MIND - SENSITIVE - odors, to (MENTE – SENSÍVEL – a odores)
29. HEAD - PAIN - cold - applications - amel. (CABEÇA – DOR – aplicações frias melhoram)
30. HEAD - PAIN - pressure, external - agg. (CABEÇA – DOR – pressão externa agg)
31. HEAD - PAIN - pressure, external - amel. - hard, amel. (CABEÇA – DOR – pressão externa – amel – forte, amel)
32. HEAD - PAIN - spirituous liquors - from (CABEÇA – DOR – por bebidas alcoólicas)
33. HEAD - PAIN - stooping - from (CABEÇA – DOR - curvar-se/inclinar-se para frente - por)
34. HEAD - PAIN - sun, from exposure to (CABEÇA – DOR – por exposição ao sol)
35. HEAD - PAIN - tobacco, smoking – from (CABEÇA – DOR – tabaco, fumar – por)
36. HEAD - PERSPIRATION of scalp - Forehead – cold (CABEÇA – TRANSPIRAÇÃO- testa- fronte fria)
37. EYE - PUPILS - dilated (OLHOS – PUPILAS –dilatados)
38. EYE – STYES (OLHOS – TERÇOL)
39. MOUTH - PAIN - burning - Tongue (BOCA – DOR – queimação na língua)
40. MOUTH - SALIVATION (BOCA – SALIVAÇÃO)
41. STOMACH - PAIN - bending - backward amel.(ESTÔMAGO – DOR – dobrar para trás, espreguiçar, amel)
42. STOMACH - PAIN - stretching amel. (ESTÔMAGO – DOR – espreguiçando amel)
43. ABDOMEN - DISTENSION - eating - after (ABDOMEN – DISTENSÃO – após comer)
44. MALE GENITALIA/SEX - SEXUAL DESIRE - diminished (MASCULINA GENITAL/ SEXO – DESEJO SEXUAL diminuído)
45. MALE GENITALIA/SEX - SEXUAL DESIRE - increased (MASCULINA GENITALIA/ SEXO – DESEJO SEXUAL – aumentado)
46. FEMALE GENITALIA/SEX - FETUS - dead - retained (FEMININA GENITALIA/ SEXO – FETO – morto – retido)
47. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA)
48. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA - brown (FEMININA GENITALIA - LEUCORRÉIA – marrom)
49. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA - menses - before (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA – menstruação – antes)
50. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA - offensive (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA – odor ofensivo)

51. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA - offensive - menses – before (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA – antes da menstruação – odor ofensivo)
52. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA - white (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA – branca)
53. FEMALE GENITALIA/SEX - LEUKORRHEA – yellow (FEMININA GENITALIA/ SEXO – LEUCORRÉIA – amarela)
54. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - absent (= amenorrhea) (FEMININA GENITALIA/ SEXO- MENSTRUÇÃO – ausente , amenorréia)
55. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - clotted (FEMININA GENITALIA/ SEXO – MENSTRUÇÃO - coágulos)
56. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - copious FEMININA GENITALIA/ SEXO MENSTRUÇÃO – copiosa)
57. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - dark FEMININA GENITALIA/ SEXO MENSTRUÇÃO – escura)
58. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - frequent, too (FEMININA GENITALIA/ SEXO – MENSTRUÇÃO – muito freqüente)
59. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - late, too (FEMININA GENITALIA/ SEXO – MENSTRUÇÃO – muito atrasada)
60. FEMALE GENITALIA/SEX - MENSES - thick (FEMININA GENITALIA/ SEXO – MENSTRUÇÃO – espessa)
61. FEMALE GENITALIA/SEX - SEXUAL DESIRE - diminished (FEMININA GENITALIA/ SEXO – DESEJO SEXUAL - diminuído)
62. FEMALE GENITALIA/SEX - SEXUAL DESIRE - increased (FEMININA GENITALIA/ SEXO – DESEJO SEXUAL – aumentado)
63. FEMALE GENITALIA/SEX - STERILITY (FEMININA GENITALIA/ SEXO ESTERILIDADE)
64. CHEST - PAIN - Heart - night (TORAX – DOR – coração - noite)
65. CHEST - PAIN - Heart - diarrhea amel. (TORAX – DOR – coração – diarréia amel)
66. EXTREMITIES - PAIN - Lower limbs - sciatica - right (EXTREMIDADES – DOR — membros inferiores – ciática – a direita)
67. EXTREMITIES - PAIN - Lower limbs - sciatica - motion - amel. (EXTREMIDADES – DOR –membros inferiores – ciática – movimento - amel)
68. EXTREMITIES - PAIN - Lower limbs - sciatica - warmth - amel. (EXTREMIDADES – DOR- membros inferiores – ciática – calor suave - amel)
69. SLEEP - DISTURBED - dreams, by (SONO – PERTURBADO – por sonhos)
70. SLEEP - RESTLESS (SONO – IRRIQUIETO)
71. SLEEP - SLEEPINESS (SONO – SONOLÊNCIA)
72. SLEEP - SLEEPINESS - soporific; as after a (SONO – SONOLÊNCIA – após sonífero)
73. SLEEP - SLEEPLESSNESS (SONO – INSÔNIA)
74. SLEEP - SLEEPLESSNESS - night - midnight - before - 3 h - until (SONO – INSÔNIA – noturna – antes da meia noite até 3h)
75. SLEEP - SLEEPLESSNESS - night - midnight - after - 3 h - 3-5 h (SONO – INSÔNIA – noturna – após meia noite – 3h – das 3 às 5h)
76. SLEEP - SLEEPLESSNESS - pains, from - heart (SONO – INSÔNIA – dor, por – coração)

77. SLEEP - UNREFRESHING (SONO – NÃO REPARADOR)
78. SLEEP - WAKING - night - midnight - after - 3 h - 3-5 h (SONO – VIGÍLIA – noite – após a meia noite até as 3h, entre 3 e 5h)
79. DREAMS - ACCIDENTS (SONHO – ACIDENTES)
80. DREAMS - ACCIDENTS - crash of an airplane (SONHO – ACIDENTES – queda de um avião)
81. DREAMS - ANXIOUS (SONHO – ANSIOSOS)
82. DREAMS - CRASH (SONHO – FALÊNCIA/ COLISÃO/ DESPEDAÇAR)
83. DREAMS - FRIGHTFUL (SONHO – ASSUSTADOR)
84. DREAMS - MURDER (SONHO – LADRÃO)
85. DREAMS - UNPLEASANT (SONHO – DESAGRADÁVEL)
86. PERSPIRATION - ODOR - offensive (TRANSPIRAÇÃO – ODOR – DESAGRADÁVEL)
87. GENERALS - NIGHT (GENERALIDADES – NOITE = 22-6 h)
88. GENERALS - NIGHT - midnight - after (GENERALIDADES – NOITE – meia noite – depois)
89. GENERALS - NIGHT - midnight - after - 3 h - 3-5 h (GENERALIDADES – NOITE – meia noite – após – 3h – entre 3 e 5h)
90. GENERALS - NIGHT - midnight - after - amel. (GENERALIDADES – NOITE – meia noite – depois – amel)
91. GENERALS - NIGHT - amel. (GENERALIDADES – NOITE –amel)
92. GENERALS - ANALGESIA (GENERALIDADES – ANALGESIA)
93. GENERALS - ANESTHESIA (GENERALIDADES – ANESTESIA)
94. GENERALS - ARTERIOSCLEROSIS (GENERALIDADES- ATEROSCLEROSE)
95. GENERALS - BENDING, turning - amel. (GENERALIDADES – CURVANDO, amel)
96. GENERALS - BENDING, turning - double - amel. (GENERALIDADES – CURVANDO, em dois/dobrando amel)
97. GENERALS - BESNIER-BOEK-SCHAUMANN, morbus (GENERALIDADES – BESNIER-BOEK-SCHAUMANN- doença)
98. GENERALS - CHOREA (GENERALIDADES – CORÉIA)
99. GENERALS - COLD - agg. (GENERALIDADES – FRIO – agg)
100. GENERALS - CONGESTION - blood; of (GENERALIDADES – CONGESTÃO – sangue)
101. GENERALS - CONVULSIONS (GENERALIDADES – CONVULSÕES)
102. GENERALS - CONVULSIONS - epileptic (GENERALIDADES – CONVULSÕES – epiléticas)
103. GENERALS - EATING - after - amel. (GENERALIDADES – COMENDO – depois – amel)
104. GENERALS - FOOD and DRINKS - alcohol - agg. (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – álcool agg)
105. GENERALS - FOOD and DRINKS - alcohol - aversion (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – álcool – aversão)
106. GENERALS - FOOD and DRINKS - butter - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – manteiga - desejo)
107. GENERALS - FOOD and DRINKS - cheese - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – queijo - desejo)

108. GENERALS - FOOD and DRINKS - coffee - agg. (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – café –agg)
109. GENERALS - FOOD and DRINKS - coffee - aversion (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – café – aversão)
110. GENERALS - FOOD and DRINKS - fat - agg. (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – gordurosa – agg)
111. GENERALS - FOOD and DRINKS - fat - aversion (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA –gordurosa – aversão)
112. GENERALS - FOOD and DRINKS - fish - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – peixe - desejo)
113. GENERALS - FOOD and DRINKS - meat - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – carne - desejo)
114. GENERALS - FOOD and DRINKS - milk - desire - sour (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – coalhada , desejo)
115. GENERALS - FOOD and DRINKS - rice - desire for dry (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – arroz – desejo por seco)
116. GENERALS - FOOD and DRINKS - sour food, acids - agg. (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – comida azeda, ácidos – agg)
117. GENERALS - FOOD and DRINKS - sour food, acids - aversion (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – comida azeda, ácida, aversão)
118. GENERALS - FOOD and DRINKS - spices - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – condimentos – desejo)
119. GENERALS - FOOD and DRINKS - sweets - agg. (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – doces – agg)
120. GENERALS - FOOD and DRINKS - sweets - desire (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – doce s– desejo)
121. GENERALS - FOOD and DRINKS - wine - aversion (GENERALIDADES – COMIDA E BEBIDA – vinho – aversão)
122. GENERALS - HEAT - sensation of (GENERALIDADES – CALOR – sensação de)
123. GENERALS - HEAVINESS - muscles, of (GENERALIDADES – PESO – músculos)
124. GENERALS - HYPERTENSION (GENERALIDADES – HIPERTENSÃO)
125. GENERALS - INFLAMELATION - joints; of (= arthritis) (GENERALIDADES – INFLAMAÇÃO – articulação, da)
126. GENERALS - INFLAMELATION - joints; of - arthritis deformans (GENERALIDADES – INFLAMAÇÃO – articulação – artrite deformante)
127. GENERALS - INFLAMELATION - liver; of (= hepatitis) (GENERALIDADES – INFLAMAÇÃO – fígado, do (hepatite))
128. GENERALS - MENSES - during - amel. (GENERALIDADES – MENSTRUACÃO – durante – amel)
129. GENERALS - MOTION - amel. (GENERALIDADES – MOVIMENTO – amel)
130. GENERALS - MOTION - beginning of motion agg.; at (GENERALIDADES – MOVIMENTO – início do movimento agg)
131. GENERALS - MOTION - continued motion - amel. (GENERALIDADES – MOVIMENTO – movimento continuo – amel)
132. GENERALS - NUMBNESS - externally (GENERALIDADES – TORPOR – externamente)

133. GENERALS - PAIN - joints, of (GENERALIDADES – DOR – articulações)
134. GENERALS - PAIN - muscles, of (GENERALIDADES – DOR – músculos)
135. GENERALS - PAIN - burning - externally (GENERALIDADES – DOR – queimação – externa)
136. GENERALS - PAIN - burning - spots, in (GENERALIDADES – DOR – queimação – em pontos/ manchas)
137. GENERALS - PSORA (GENERALIDADES – PSORA)
138. GENERALS - PULSE - imperceptible (GENERALIDADE – PULSO – imperceptível)
139. GENERALS - PULSE - imperceptible - almost (GENERALIDADES – PULSO – imperceptível – quase)
140. GENERALS - REST - amel. (GENERALIDADES – REPOUSO – amel)
141. GENERALS - SCLEROSIS, multiple (GENERALIDADES – ESCLEROSE, múltipla)
142. GENERALS - SIDE - right (GENERALIDADES – LADO – direito)
143. GENERALS - STANDING - agg. (GENERALIDADES – EM PÉ – agg)
144. GENERALS - STOOL - after stool - amel. (GENERALIDADES – EVACUAR – após – amel)
145. GENERALS - STRETCHING - amel. (GENERALIDADES – ESPREGUIÇAR – amel)
146. GENERALS - TOBACCO - agg. (GENERALIDADES – FUMO – agg)
147. GENERALS - TOBACCO - aversion to (GENERALIDADES – TABACO – aversão a)
148. GENERALS - TOUCH - agg. (GENERALIDADES – TOQUE – agg)
149. GENERALS - VARICOSE veins (GENERALIDADES – VARIZES)
150. GENERALS - WALKING - air, in open - amel. (GENERALIDADES – ANDANDO – ao ar livre – amel)
151. GENERALS - WARM - amel. (GENERALIDADES – CALOR – amel)
152. GENERALS - WEAKNESS (= enervation) (GENERALIDADES – FRAQUEZA (= inervação))
153. GENERALS - WEARINESS (GENERALIDADES – FADIGA)
154. GENERALS - WEATHER - change of weather - agg. (GENERALIDADES – TEMPO – mudança de tempo)
155. GENERALS - WEATHER - thunderstorm - approach of a (GENERALIDADES – TEMPO – aproximação de uma tempestade)
156. GENERALS - WEATHER - thunderstorm - during (GENERALIDADES – TEMPO – durante tempestade)
157. GENERALS - WEATHER - warm weather - wet - agg. (GENERALIDADES – TEMPO – tempo quente – agg)

7 DISCUSSÃO

No parágrafo 110 do “Organon da arte de curar” Samuel Hahnemann relata que os efeitos tóxicos resultantes de substâncias medicamentosas ou venenos administrados em grande quantidade “se aproximavam” de suas próprias observações ao experimentar as mesmas substâncias em si próprio ou em pessoas sadias, o que constituía seguro indício de que estas drogas deveriam extinguir males semelhantes.

Porém, no mesmo parágrafo, afirma que apesar dos indícios, *“a única averiguação possível de seu poder medicamentoso reside na mera observação das mudanças do estado de saúde que os medicamentos produzem no organismo sadio, enquanto as potências puras, peculiares dos medicamentos para a cura não podem ser apreendidas nem por raciocínios sutis apriorísticos, nem pelo cheiro, gosto ou aparência dos mesmos, nem por sua análise química, nem pelo emprego de um ou vários deles, em uma mistura (receita) para as doenças (...)”*. (HAHNEMANN, 2001).

Ou seja, a única forma de conhecer o poder medicamentoso de uma substância é promover a experimentação em indivíduo sadio. Tudo o que for diferente disto será apenas conjectura. Assim, a multiplicidade dos métodos de estudo da Matéria Médica tem o intuito de organizar o aprendizado, mas jamais substituirá a experimentação e a descrição da patogenesia.

Ainda, no parágrafo 118 reafirma que cada medicamento apresenta no organismo humano ações peculiares que “nenhuma outra substância medicamentosa de espécie diferente é capaz de produzir efeito exatamente igual”.

Leeser (1962), fazendo o contraponto aos parágrafos 110 e 118 do Organon confere a semelhança sintomatológica entre *Belladonna*, *Hyosciamus* e *Mandragora* à presença de alcalóides da família da atropina, conferindo as divergências de ação

entre estes medicamentos homeopáticos à diferença entre os teores dos alcalóides para cada espécie destas *Solanaceae*.

Colocamos aqui que os autores, em seus trabalhos, descrevem o uso de partes diferentes da *Mandragora*, alguns utilizaram somente o suco das raízes. Na descrição da Matéria Médica Pura de Allen foi utilizado o suco da planta toda sem as raízes; há outras descrições do uso do suco da planta toda. Considerando que os teores de alcalóides e outros componentes diferem entre as partes da planta, há realmente necessidade de padronização da obtenção da tintura mãe e repetição de experimentação para o estudo da patogenesia deste medicamento, a fim de que haja coesão entre os diferentes estudos para compor a Matéria Médica deste medicamento.

Apesar do folclore sobre o uso da *Mandragora* como afrodisíaco ou para infertilidade, nas matérias médicas estudadas nenhum sintoma relacionou-se a estes sinais. Há a citação do uso para acelerar o período de expulsão fetal, apenas.

É interessante notar que na Matéria Médica de Allen (1874) aparecem sintomas como coriza e transpiração à noite, ao contrário do esperado para a síndrome atropínica que confere ressecamento da mucosa respiratória e inatividade de glândulas sudoríparas com ausência da transpiração.

No estudo foram selecionados medicamentos para comparação sugeridos por autores de trabalhos publicados em artigos científicos, acreditando-se que haveria algumas semelhanças entre eles, o que poderia facilitar o diagnóstico diferencial ampliando as chances de se encontrar o *Simillimum*. Porém neste trabalho observamos que a *Mandragora* foi tradicionalmente utilizada como anestésico, ao lado de medicamentos como *Opium* e *Hyosciamus niger*. Assim, há que se

complementar este estudo *a posteriori* com um estudo comparativo entre estes três medicamentos.

Da comparação entre as espécies de *Solanaceae*, os sintomas que coincidem são derivados da congestão cefálica, porém, as modalidades são completamente diferentes. Há midríase em todos, porém a congestão de *Belladonna* tem face vermelha e processos inflamatórios de início brusco, delírio visual, língua vermelha; *Hyosciamus niger* tem congestão com face pálida, olhos vermelhos e língua marrom ou preta, tem ciúme, delírio torporoso; *Mandragora* tem congestão cefálica com midríase, com zumbidos, língua amarela, muda bruscamente da euforia para depressão.

Entre os medicamentos sugeridos por Ross (1975), que levou em consideração o grupo cinco de Boyd, os sintomas mais parecidos são a irritabilidade, a midríase, presentes em todos os medicamentos, conservando as particularidades entre eles e as modalizações.

Os sintomas urinários não estão presentes em *Ranunculus bulbosus* e os sintomas de pele não constam na matéria médica de *Cimicifuga racemosa*. Parece realmente haver um tropismo destes medicamentos para olhos, pele, sistema urinário.

Outro aspecto muito importante a ser abordado é que durante o levantamento de trabalhos científicos nos *sites* da *SciELO* e *Bireme*, quando colocada como palavra chave “mandrágora”, aparecem listados trabalhos relativos a *Mandragora autumnallis*, *Podophillum peltatum* e *Bryonia alba*, que são popularmente conhecidos como mandrágora, mas na Homeopatia, a patogenesia de *Mandragora* foi realizada com a planta *Mandragora officinarum*.

Decorrente do presente estudo analisou-se a possibilidade de estabelecer a “Síndrome Mínima de Valor Máximo” do medicamento. Dentre os sintomas mais marcantes de *Mandragora* foram selecionados: indiferença, histeria, excitação, na esfera mental; anestesia, analgesia, coréia, dobrar em dois melhora, na esfera dos sintomas gerais; audição aumentada, inatividade do reto, midríase, na esfera dos sintomas locais. No entanto estes sintomas estão presentes em muitos outros medicamentos devido à escassez de modalizações dos sintomas eleitos. Assim, é possível e desejável que ao longo do tempo, no decorrer de novas experimentações e com o aprofundamento do estudo sobre *Mandragora*, o número de sintomas para estabelecer a SMVM seja reduzido bem como o conhecimento sobre o medicamento seja ampliado.

8 CONCLUSÃO

Como previsto por Samuel Hahnemann, há realmente concordância entre alguns sintomas da intoxicação e sintomas da experimentação, mas há também sintomas completamente inesperados descobertos somente através da experimentação da *Mandragora officinarum*, como “coriza e transpiração à noite” que é o oposto do esperado para síndrome anticolinérgica, o que reafirma incontestavelmente que o conhecimento verdadeiro sobre o poder curativo de uma substância deve ser revelado pela experimentação em homem saudável.

De acordo com os dados coletados, as tinturas mães utilizadas foram obtidas de diferentes formas e partes da planta, o que poderia justificar as divergências encontradas entre as matérias médicas de Allen e de Metzger & Whitmont. Portanto, há que se estudar a padronização da tintura mãe do medicamento para uniformizar dados da experimentação, validando o medicamento e a descrição da matéria médica.

É necessário estender o conhecimento sobre a *Mandragora*, complementando a patogenesia descrita, pois é possível que este medicamento seja complementar à *Belladonna* e *Hyoscyamus niger*, já que têm sintomatologia muito próxima, tanto na dose tóxica quanto em relação aos sintomas da experimentação.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, H. C. Sintomas-chave da Matéria Médica Homeopática, 2000. New Delhi. B Jain Publish.

ALLEN, T. F. The encyclopedia of pure materia medica. 12 vol. New Delhi. B Jain Publish, 1992, reedição de Boericke & Tafel, Philadelphia.

ANON. American Journal of Homeopathic Materia Medica. Jan- Jun 1996. Brasil. Cadernos de Matéria Médica. 4(1):92-101.

AZIZ, E; NATHAN, B; MCKEEVER, J. Anesthetic and analgesic practices in Avicenna's Cannon of Medicine. 2000. EUA. Am J Clin Med. 28(1): 147-51.

BASAGAOGLU, I; KARAKA, S; SALIHOGLU, Z. Anesthesia techniques in the fifteenth century by Serafeddin Sabuncuoglu. Anesth Analg. Abril, 2006. EUA. 102(4):1289.

BLANC, A. Cas cliniques veterinaries. França. Rev Belge Homeopath. 1995. Março. 28(1):48-81.

BOERICKE, W. Pocket Manual of Homoeopathic Materia Medica. 9th. Ed. 1927. B. Jain Publish. New Delhi.

BURT, W H. Physiological Materia Medica. 1985. 3ª. Ed. B. Jain Publish. New Delhi.

BURTIN-VINHOLES, S. Dicionário Francês-Português Português-Francês. 1975. 31ª. Edição. Ed Globo. Rio de Janeiro.

CAROD-ARTAL, F J. Neurological syndromes linked with the intake of plants and fungi containing a toxic component. Neurotoxic syndromes caused by the ingestion of plants, seeds and fruits. Maio, 2003. Espanha. Rev Neurol. 36(9):860-71.

CARTER, A J. Myths and mandrakes. 2003. May. Journal of the Royal Society of Medicine. 96: 144-7.

CLARKE, J H. Dictionary of practical Materia Medica. 3ª. vol. New Delhi. B. Jain Publish. 1990. reedição de 1902 de: "The Homeopathic Publish. Co, London".

COLIN, P. Quand la douleur deviant intolerable. nov-dez. 1999. França. L'Homeopathie Européenne. (6):178-181.

CORRÊA, P M.; PENNA, L A. Dicionário das plantas úteis do Brasil. 1974. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. vol 5: 79-80.

DIAS, A F. Reino Plantae. Homeopatia Sistêmica em 52 lições. 2008. GEHSH. Educação continuada.

DIAS, A F. Repertório Homeopático Essencial - HomeoPro. Versão para Windows. 2004. Cultura Médica.

DUFRESNE, L C. Effects on self and another from smelling repeatedly at short intervals of the expressed juice of the plant (which has a nauseating odor like reptiles (adders') flesh). 1834. Bibl. Hom. Genève. (2): 498.

FARMACOPÉIA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA II. Preparo da tintura mãe. 1997. Parte I. pp. X1-5. 2ª. Ed. Editora Atheneu. São Paulo.

FRASCA, T; BRETT, A S; YOO, S D. Mandrake toxicity. A case of mistaken identity. EUA. 22 de Setembro de 1997. Arch Intern Med. 157(17):2007-9.

GOODMAN, L. S; GILMAN, A. G. As bases farmacológicas da terapêutica. 1996. 9ª. Edição. Mc Graw Hill. pp 108-113.

HAHNEMANN, S. Organon da arte de curar. Organon der Heilkunst. 2001. IHFL. 6a. Edição. Robe Editorial. pp. 147-149.

HANUS, LO; REZANKA, T; SPIZEK, J; DEMBITSKY, VM. Substances isolated from Mandragora species. Outubro, 2005. EUA. Phytochemistry; 66 (20); 2408-17.

HELBLING, A; BRANDER, K; PICHLER, W J. Anaphylactic shock after subcutaneous injection of mandragora D3, a homeopathic drug. J Allergy Clin Immunol. EUA. Nov, 2000. 106(5):989-90.

KOMARNYTS'KYI, SI; KOMAMYTS'LYI, IK. Phylogenetic analysis of chloroplast DNA of 18 Solanaceae species. 2003. Ucrania. Tsitol Genet. 37(6):17-22. Nov-dec.

KOSSAK-ROMANACH, A. Homeopatia em 1000 conceitos. 1984. Editora ELCID. pp 146-147.

LATHOUD, J. A. Estudos de Matéria Médica Homeopática, 2004, Editora Organon.

LEESER, O. Solanaceae. 1962. The British Homeopathic Journal. (51): 149-166.

LUENGO, B M. Uma revisão histórica dos principais acontecimentos da imunologia e da farmacologia na busca do entendimento e tratamento das doenças inflamatórias. 2005. Revista Eletrônica de Farmácia. 2 (2): 64-72.

MANGILAVORI, M. Association for research and study of Homeopathic Medicine. Site:<http://www.mangialavori.com>. Acessado em: 28/10/2008.

METZNER, B. S. Sintomas Característicos da Matéria Médica Homeopática. 2006. Editora Organon.

NASH, E. B. Indicações Características de Terapêutica Homeopática, 1979. Sociedade Brasileira de Homeopatia .

PEDUTO, V A. La radice di mandragora nel (quot) dioscoride Viennese (quot). 2001. Itália. Minerva Anestesiol. 67(10):751-66. Outubro.

PICCILLO, G A.; MIELE, L; MONDATI, E; MORO, P A; MUSCO, A; FORGIONE, A; GASBARRINI, G; GRIECO, A. Anthicholinergic syndrome due to “Devil’s herb”: when risks come from the ancient time. 2006. Comment in: Int J Clin Pract. April. 60(4): 380.

PURKIS, J. Myths and Mandrakes. Inglaterra. 2003. J R Soc Med. 96(5): 255. Maio.

ROSS, A C G. The mandrake. Br homeopath. 1975. J. 64(3):188-192. Julho.

SOARES, AAD. Dicionário de Medicamentos Homeopáticos. 2000. 1ª. Ed. Santos Livraria Editora. pp. 1080-1081.

SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL. Bíblia Sagrada. 1995. Edição Pastoral. Ed. Paulus. 15a. Impressão. Genesis 29- 30: 42-44.

SCHULTZ, A. Introdução à botânica sistemática. 1985. Editora Universidade. 5ª. Ed. vol. 02.

SCHWABE, W. Farmacopéia Homeopática de Dr. Willmar Schwabe. 1892. 2ª. Ed. Versão espanhola. Edicion de farmácia Homeopática Cangalla. pp. 96.

VANIER, L. Homeopatia remédios de estados agudos.1982. Associação Médica Homeopática Venezuelana.

VIJAYAKAR, P. Homeopatia previsível. 2004. Editora El Erial. Curitiba. Partes: I, II, III, IV.

VITHOULKAS, G. Essência da Matéria Médica, 2005. Editora Organon.

VJINOVSKY, B. Tratado de Matéria Médica Homeopática, 2003. Editora Organon.

VOISIN, H. Manual de Matéria Médica para o Clínico Homeopata, 1987. 2ª. Ed. São Paulo.